



Sentados à Mesa:

**Roteiros reflexivos para o
autoconhecimento e construção
de novas masculinidades**





Este subsídio é uma produção do Grupo de Trabalho Central da Campanha Nacional de Enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher, promovida pela Pastoral da Juventude

Elaboração:

Edwiges Costa
Gabriel de Souza
Geovani Santos
Keller Augusto Bresolin
Rocheli Koralewski

Revisão Final:

Jassiara Santos
Luis Duarte Vieira
Marcos Dantas
Michelle Gonçalves
Pe. Atenágoras
Roberta Agostinho

Projeto Gráfico e Diagramação:

Bianca Ortega
Gabriel de Souza
Thiesco Crisóstomo

Imagens:

Chiquinho D'Almeida
canva.com



Índice:



Apresentação **4**

Sentados à mesa com Jesus para deixar nascer uma nova masculinidade **6**

1. Sentados à mesa: Refletindo sobre Identidade **8**

2. Sentados à mesa: Refletindo sobre Corporeidade **10**

3. Sentados à mesa: Refletindo sobre as Relações entre Pares **12**

3. Sentados à mesa: Refletindo sobre as Relações com as mulheres **14**

5. Sentados à mesa: Refletindo sobre Sexualidade **16**

6. Sentados à mesa: Refletindo sobre Casa **18**

7. Sentados à mesa: Refletindo Deus-Pai em Nós **20**

8. Sentados à mesa: E agora José? **22**

Da mesa à vida: partilhar e construir juntos novas masculinidades! **24**

Referências **25**



Apresentação



“Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma nova realidade apareceu”.

2ª Carta de Paulo aos Coríntios, 17.

Ser nova criatura, novo homem em Cristo e a partir de Cristo! Este é o desejo por trás deste material, elaborado a várias mãos que juntas teceram em palavras o sonho de gerar, provocar, inspirar, iluminar a construção de novas masculinidades. Na ciranda da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher, aprendemos que tal construção é fundamental para superar as desigualdades, opressões e todas as formas de violência que atingem as mulheres.

Na Ampliada Nacional de Erechim-RS (2020), a Pastoral da Juventude confirmou a urgência de ampliar e aprofundar as reflexões e debates acerca dessa temática. Partindo desta deliberação, entre as/os jovens referências da Campanha foi criado um Grupo de Trabalho para pensar e construir materiais específicos sobre masculinidades. E neste processo, nos debruçamos sobre as necessidades e possibilidades de trabalhar o tema junto a nossa juventude. Projetamos, então, cinco caminhos a serem trilhados: vídeos provocativos; subsídio com roteiros reflexivos; textos para estudo; subsídio com rodas de conversa; e, subsídio para realização de grupos reflexivos.

Se as mudanças partem das pessoas, a transformação das masculinidades começará em cada companheiro que ousar se *desconstruir* e *reconstruir* como homem. Neste sentido, acreditamos na centralidade do Projeto Pessoal de Vida como instrumento e caminho para tornar o sonho realidade. É através do Projeto de Vida que reconhecemos quem somos e quem queremos ser, miramos horizontes e assumimos compromissos de vida. Conscientes de tudo isso, apresentamos este primeiro subsídio



Apresentação

destinado aos homens, jovens e adultos da PJ – *Sentados à mesa: roteiros reflexivos para o autoconhecimento e construção de novas masculinidades.*

Projetar a vida passa pelo exercício de se autoconhecer e reconhecer. Refletir sobre quem somos, como homens, é movimento essencial para repensar nossa própria masculinidade. É esta compreensão de *autoconhecimento* que assumimos neste material. Queremos sentar à mesa com Jesus e, neste encontro pessoal com Ele, rezar e refletir sobre nós mesmos, sobre que homem eu fui, sou e quero ser. E neste *querer-ser*, temos como horizonte construir *novas masculinidades*. *Novas* para nós, por serem diversas e diferentes da masculinidade hegemônica-tóxica-dominante que em suas expressões “padrão” oprime e violenta mulheres e homens. *Novas*, portanto, porque a partir de Cristo, são pautadas no amor, no respeito, na não-violência e na justiça.

Rumo ao horizonte, partimos de um texto que lança luz à caminhada e em seguida temos 8 roteiros, que são um convite à oração e à reflexão pessoal, trazendo provocações que nos inspiram e mobilizam. Neste processo, o movimento é pessoal, mas não precisa e nem deve ser solitário! Se sentirmos necessidade de alguém para nos acompanhar ou com quem compartilhar as inquietações, dúvidas e emoções, é importante buscar um/a amigo/a, assessor/a ou coordenador/a que possa nos ouvir e nos apoiar.

Vamos, pois, à mesa, lugar sagrado da partilha do pão e da vida! Sentamo-nos junto a Jesus, nosso amigo, companheiro e mestre. Com Ele, podemos abrir o coração e viver este caminho que lança luz à (re)construção de Projetos de Vida comprometidos em (re)inventar novas masculinidades!



Sentados à mesa com Jesus

para deixar nascer uma nova masculinidade



Pe. Maicon Malacarne¹

A mesa é muita coisa! Cardeal Tolentino diz que a mesa é uma extensão da vida. Ao redor da mesa, aprendemos sobre ternura e hospitalidade. A mesa é um território de relações. É trágico um tempo histórico em que mal nos encontramos à mesa porque “não temos tempo”. Na mesa, temos alimento e somos alimento.

Não é por acaso que a origem da fé cristã está na mesa. Que a cada celebração e a cada Eucaristia nos reunimos em torno da Mesa (ou das Mesas). Na mesa de Jesus coube pão e vinho, coube silêncio, acolhida e risada. Na mesa de Jesus couberam crianças (um absurdo para a época), couberam jovens, couberam discípulos, medrosos e traidores. Na mesa de Jesus couberam mulheres. Na mesa de Jesus as mulheres não ficaram preparando a refeição para os homens.

Jesus estabeleceu uma relação nova (dentro de uma cultura patriarcal) com as mulheres. Como? Acolhendo, ouvindo, dialogando... Sim, isso era extremamente novo. Mas, talvez, o mais importante: Jesus ensinou um *modus* de ser homem, de viver uma masculinidade. Mais do que “fazer para elas”, Jesus “esteve à mesa com elas”. O seu “ser homem de verdade” não passava pelo poder patriarcal em voga, mas por uma relação humanizadora.

- Na mesa com Jesus, aprendemos que o lugar da mulher não é apenas “nos afazeres domésticos”, por isso ele disse que Maria “escolheu a melhor parte”, contrapondo Marta nas suas muitas tarefas da cozinha (Lc 10,38-42). Há algo mais decisivo e Jesus evidenciou um direito essencial dos homens e das mulheres: ouvir a Palavra de Deus.
- Na mesa com Jesus, aprendemos reconhecer a dolorosa hipocrisia que acusava a mulher adúltera, mas se calava para o homem que também cometeu adultério: “*quem não tiver pecado atire a primeira pedra*” (Jo 8,1-11). Jesus foi um homem aberto ao seu

¹ Padre Maicon Malacarne é presbítero da Diocese de Erechim/RS onde é pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Coordenador de Pastoral Diocesano. Foi membro da Comissão Nacional de Assessores e Assessoras da PJ entre 2017 e 2020.



tempo histórico e atento aos distúrbios sociais, culturais e “às mesas” que só cabiam preconceito e exclusão. Por isso, deixa os homens envergonhados: “saíram um a um de cabeça baixa”.

- Na mesa com Jesus, aprendemos a ficar comovidos e admirados pelo sofrimento das pessoas. Homem também sofre. Homem também chora. Junto com isso, Jesus sempre se fez aprendiz. Revelador o texto do diálogo de Jesus com a mulher Siro-Fenícia (Mc 7, 24-30). Outra cultura, outra forma de crer e Jesus reconheceu nessa mulher uma fé “nunca vista antes”. A mulher queria que sua filha enferma e transtornada por um espírito ficasse curada.
- Na mesa com Jesus, aprendemos sobre a fé mais verdadeira e sobre a partilha mais generosa – a que dá mais do que a sobra. Ele observou uma “pobre viúva” depositando duas moedas de cobre no cofre do Templo (Mc 12,41-44). Eram as menores moedas que circulavam em Jerusalém. Ela fez esse gesto com toda vergonha que podia carregar – sabia que era pouco, mas dava tudo o que tinha. Falando dela para os discípulos, Jesus ensinou: “essa mulher, pobre viúva, deu mais do que todos os outros”. Os discípulos custavam entender, porque estavam acostumados a uma teologia sustentada pela retribuição, muito forte na época.
- Na mesa com Jesus, se sonhava (e se sonha!) um mundo novo, só porque estava cheia de mulheres. Jesus falava do Reino. Na mesa, Jesus chorou e sorriu, tocou e foi tocado. Foi livre e apontou para uma urgente liberdade. O Reino de Deus, no fundo, é uma mesa cheia de gente e que ninguém fica de fora. Um banquete que tem alimento para todas as pessoas: ninguém é excluído, ninguém é silenciado, ninguém é violentado... tudo é sagrado!

Na mesa com Jesus, o novo homem só pode nascer porque as mulheres têm voz, vez e lugar. Só pode nascer quando estivermos sentados todos juntos como iguais!



1. Refletindo sobre Identidade

Disse o querido e grande mestre Pe. Hilário Dick: “A grandeza do homem mede-se pelas interrogações que ele se faz a si mesmo e pela honestidade com que vive procurando ser coerente com as respostas que vai encontrando”². Refletir, pois, sobre o nosso projeto de vida começa por confrontar a nós mesmos buscando responder à pergunta fundamental que é: Quem sou eu? Esta é uma pergunta fundante do ser humano, cuja resposta vamos construindo permanentemente ao longo da vida, descobrindo e afirmando os elementos que formam (ou não) a nossa identidade.



Compreendida como o conjunto dinâmico e interconectado de características e nuances que constituem o modo de ser de uma pessoa, tal identidade expressa quem somos. Ou seja, diz sobre a visão e sentimentos que temos em relação a nós mesmos *como homens*, de como pensamos e agimos *como homens*, daquilo que nos permitimos ou não *como homens*, enfim de todas escolhas que fazemos para nós mesmos, *como homens*. Portanto, fazer-se a si mesmo essa pergunta – Quem sou eu? – e buscar honestamente as respostas, é um movimento crucial na reinvenção de masculinidades novas, mais autênticas, saudáveis e livres da violência. A canção e o clipe [De toda cor](#), de Renato Luciano, nos ajuda a viajar por essas questões de forma poética e potente.

Neste caminho, nos ilumina o Evangelho de Marcos cap. 8, v. 27-38. Faça a leitura orante deste texto, identificando seus personagens e fatos, e o que nos provoca a pensar sobre nossa própria identidade.

Jesus confronta seus discípulos justamente a respeito da pergunta “quem dizem que eu sou?”. É interessante este movimento de Jesus, pois nos faz ver que a construção do “Eu”, da nossa identidade, é atravessada pela relação com os/as outros/as e pelo modo como estes nos veem e nos

² DICK, Hilário. **Na busca de ser, a angústia de não-ser**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976 (pág.13).



Sentados à Mesa:

tratam. Ao mesmo tempo, também nos instiga a pensar na importância que damos a opinião dos/as outros/as acerca de quem e como somos. A despeito das visões alheias e daquilo que é esperado dEle pela sociedade, Jesus sabe quem é, tem consciência do seu projeto e assume com coerência o caminho rumo ao horizonte que quer alcançar. E é esse o convite que Ele nos faz ao dizer “renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (v. 34). Este “si mesmo” a renunciar pode ser encarado como o conjunto de expectativas e padrões esperados e introjetados em nós como identidade masculina padrão, como único e universal modo de ser homem. O convite então é para se perguntar e se responder:

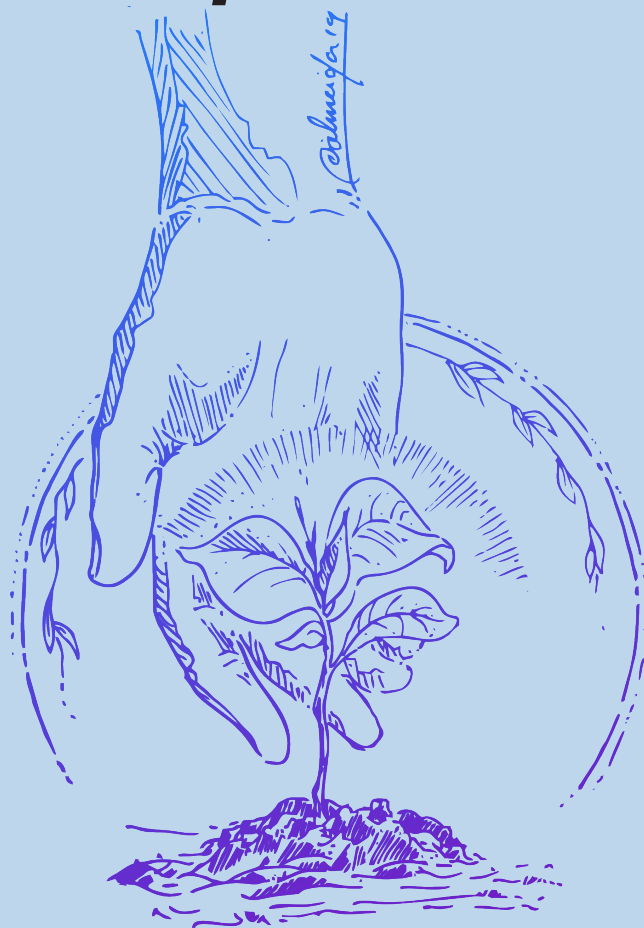
- *Quem sou eu? Em que características eu me enxergo e me reconheço como homem?*
- *Quais as minhas referências masculinas e o que as caracteriza? Jesus é uma dessas referências para mim?*
- *A partir da identidade do homem Jesus, o que renunciar e o que afirmar em mim mesmo para construir um modo de ser “Eu-Homem” mais livre e autêntico?*
- *Como assumir esse processo, sabendo que é cruz, mas também ressurreição?*



2. Refletindo sobre Corporeidade

“Como são *belas*
estas máscaras.
Como são *feias*
e *brutas* essas
máscaras.
Sou eu.
Eu as *faço*.
Me chamo
mascareiro,
mascarado.
(...)”

**Do poema ‘O corpo’, de
Hermes A. Tonini.³**



No caminho da descoberta e da afirmação de si é preciso re-conhecer uma dimensão fundamental e constitutiva de nossa masculinidade: a corporeidade. Estamos falando do nosso corpo, de como o percebemos e de como nos relacionamos com ele. O corpo sempre foi objeto de “tabus”, estigmas, padrões de beleza e de “funcionamento” que ditam quais corpos são bonitos, normais e desejáveis. Quando se trata do corpo masculino, estabeleceram-se critérios rígidos para o caracterizar e legitimar como tal: força, habilidade física, instintividade, virilidade e potência sexual, estética atlética. Ou seja, um corpo feito para dominar outros, para se negar e se sobrepôr ao seu “naturalmente diferente” - o feminino, associado à fragilidade. Porém, como nos provoca o poeta, tudo isso é mesmo real ou são apenas *máscaras*?

Esse “ideal” de corpo masculino nos afeta ao impor que todos devemos ser assim e que são mais homens aqueles que desenvolvem uma performance corporal dentro desse padrão, dessas máscaras. Exemplo emblemático disso está na expressão “homem não chora”, clássica representação desse corpo “todo-poderoso” que acaba sendo incapaz de expressar suas fraquezas e dores. A canção **Guerreiro Menino**, de Fagner, nos provoca a desconstruir essa visão. Nosso corpo é humano, ele também

³TONINI, Hermes A. **O sonho de José e o sonho de novas masculinidades:** uma hermenêutica de gênero de Mateus 1, 18-25. São Leopoldo: CEBI, 2008.



Sentados à Mesa:

tem fragilidades, também sente dores e também chora. Nosso corpo não é algo que possuímos, é o que somos e quem somos. Precisamos, portanto, cuidar do nosso corpo, para que não seja apenas máscaras, mas autenticamente nós mesmos.

Neste sentido, o convite é agora para rezarmos à luz do texto bíblico 1 Coríntios 3, 16-17, no qual somos questionados e provocados a nos enxergar – nós: nosso corpo – como templos vivos de Deus. Habitando Deus em nós e nós nEle, nosso corpo deve ser casa de acolhida, amor, liberdade e respeito. Jamais instrumento de opressão, violência ou dominação, contra nós ou contra outros/as. A partir disso, devemos refletir e responder:

- *Como eu enxergo e sinto meu próprio corpo?*
- *Como eu me relaciono com meu corpo? Eu o vejo? Eu cuido do meu corpo?*
- *Como eu cuido da saúde do meu corpo, reconhecendo que é a minha saúde?*
- *Eu me expesso sinceramente com o meu corpo? Me permito chorar, sorrir, receber e compartilhar emoções? Tenho sentido e expressado Deus através corpo?*
- *Como eu posso me cuidar melhor, ser mais livre e mais autêntico com meu corpo?*



3. Refletindo sobre as relações entre pares

O desafio radical do Evangelho se faz nas relações, que produzimos com nossa identidade, nosso corpo, mas também nas relações com outros sujeitos. Em Lucas, cap. 10, v. 25-37, conhecemos diferentes jeitos de ser homem, mas também ouvimos a Jesus em seus questionamentos sobre a potência das relações⁴. Jesus questiona, a partir de um evento do dia a dia, como diferentes grupos interagem, se comunicam, fazem suas trocas. E abre o convite também a refletirmos como nos relacionamos com os homens com quem convivemos e sobretudo a olhar para nossos sentimentos, quando estamos marginalizados, quando estamos violentos, quando estamos indiferentes, quando estamos compassivos, prestativos, generosos. Estamos é o foco, pois podemos assumir diferentes posturas nas relações de/entre gênero. Somos ensinados, aprendemos e ensinamos a estar e se posicionar com a sociedade, nas comunidades em que vivemos e com as pessoas com quem nos relacionamos.

Jesus também nos provoca a compreender, dentro dos modelos de masculinidade do seu contexto, como ir além “do amor ao próximo”, ampliando a compreensão de cuidado que se estabeleceu entre os homens no texto bíblico. Recuperando o ser homem como sinônimo de compaixão e de entrega ao violentado. E também, a luz da comunidade de Lucas, nos faz pensar diante dos autores de violência, de quando nós, homens, tomamos tais posições, e como podemos esperar, organizar e atuar frente tais situações. Os papéis de gênero socialmente estabelecidos promovem projetos de morte mútua entre homens, entre homens e mulheres, encerrando as relações como forma de cuidado, acolhida e escuta. A Boa Nova se faz ação entre nós. No protagonismo das andanças pela vida, trocando, comunicando, agindo:



⁴ GASS, Ildo Bohn. **Novas masculinidades e Bíblia**. 367. ed. São Leopoldo: Cebi, 2018. 52 p. (A palavra na vida).

Sentados à Mesa:

- *Como me relaciono com outros homens? Como me relaciono com as mulheres?*
- *Quando estou violento? Porque estou assim? Como me sinto por estar assim?*
- *Estou consciente de minha postura quando violento?*
- *Qual minha postura diante da violência?*
- *Eu estabeleço relações de cuidado em contextos de violência?*
- *Ensino e aprendo com homens sobre cuidado?*
- *Ensino e aprendo com mulheres sobre cuidado?*
- *Como posso abraçar práticas de cuidado para/com os outros?*

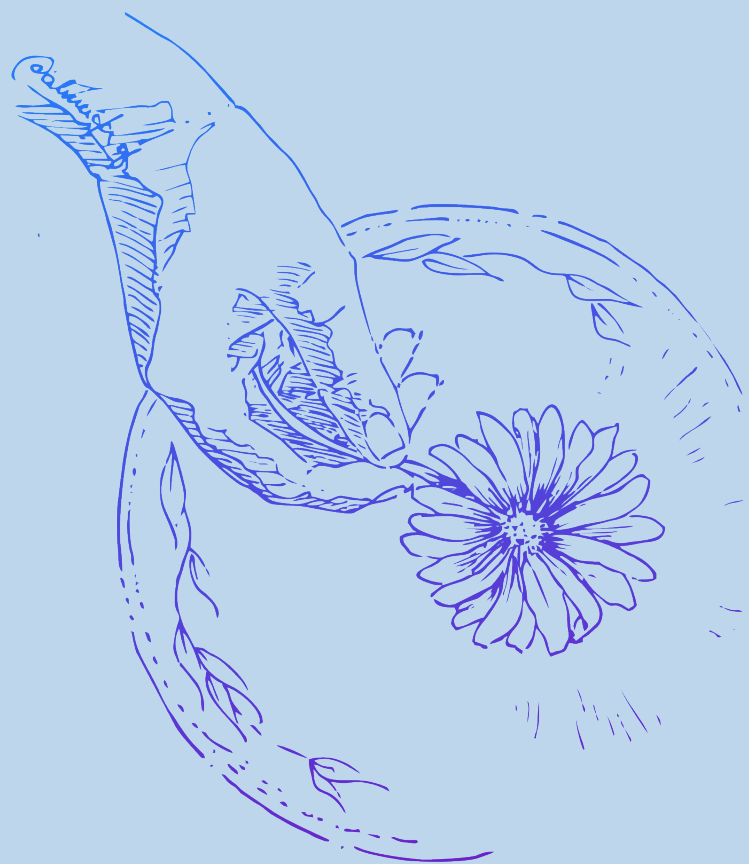
4. Refletindo sobre as Relações com as mulheres

Na antiguidade, antes mesmo da escrita, a mulher tinha seu espaço respeitado, e eram cuidadas, pois sem elas a vida não acontecia. A mulher é quem concede a vida, carrega em si a centralidade, é a divindade feminina, possui ligação com a natureza, a mãe terra e as fases da lua.

Com a escrita e os demais avanços civilizatórios, observamos o alvorecer de uma dinâmica patriarcal das relações sociais, onde até Deus é necessariamente Deus-homem, que carrega, sobretudo na fé cristã, o homem autoritário, cheio de poder diante das criaturas. De forma que ao longo dos tempos consolidou-se uma estrutura sustentada na figura masculina, tudo que se entende como bom, forte, positivo, tem referência masculina.

Por outro lado, ao mesmo tempo que não podemos tapar os olhos para a realidade machista em que estamos inseridos, também é fundamental o exercício de treinarmos um novo olhar, numa nova interpretação para descobirmos sinais de vida nova onde até então o discurso predominante validava essa figura masculina.

Como cristãos católicos, pejoteiros, seguidores de Jesus, não podemos ignorar que em Sua caminhada missionária, Ele deparou-se com a realidade de algumas mulheres sofridas, oprimidas pelo o contexto da época. A lei imposta por homens as sacrificava, tornando-as menores e expondo-as a discriminações e outros tipos de violências. A exemplo dEle, devemos lutar por relações justas e saudáveis, livres de machismo. Isto é, que superemos comportamentos fundamentados na compreensão de que os homens são superiores às mulheres. Como nos feminismos, enquanto movimentos de caráter social, político e filosófico que lutam contra as concepções patriarcais e visam a igualdade entre homens e mulheres.



Sentadas à Mesa:

Como na narrativa do acolhimento da mulher adúltera, que queriam apedrejar (Jo 8, 1-11). A atitude de Jesus não foi somente de protegê-la, mas também de dizer: Não castiguem somente a mulher, vós sois pecadores tanto quanto ela. Percebam que Ele diz: “Quem não tem pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8, 7). É preciso descortinar uma dimensão menos particular sobre o pecado, entendê-lo também como algo social, que produz exclusão, injustiça, e que atinge a todas as pessoas, homens e mulheres. Assim, podemos citar ainda o diálogo de Jesus com a Samaritana, rompendo os preconceitos sociais presentes (Jo 4, 1-26). Sua postura diante da dor da viúva de Naim (Lc 7, 11-16) e seu convívio fraterno com Marta e Maria (Lc 10, 38-42).

Diante disso devemos voltar nosso olhar para a realidade em que estamos inseridos e perceber como estão as mulheres de nossa comunidade, de nossa família e como o machismo afeta suas vidas.

- *Qual a diferença entre mulheres e homens?*
- *Como o machismo se manifesta na minha comunidade?*
- *Como eu me relaciono com as mulheres?*
- *Que atitudes machistas eu identifico em mim mesmo?*
- *O que eu posso fazer para desconstruir o machismo, a partir de mim mesmo e das minhas relações?*

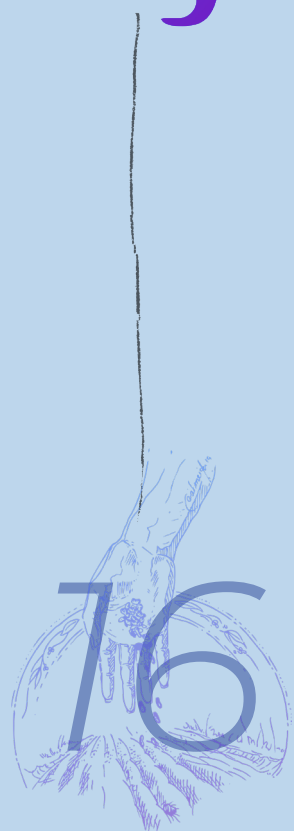


5. Refletindo sobre Sexualidade

Amor ou sexo? Há distinção entre os dois? Acredito que muitos de nós tem uma definição e uma ordem bem clara para ambos. A cantora Rita Lee também se esforçou para defini-los na canção **Amor e sexo**, e, de certa forma, o fez de uma forma magistral e poética. Vale a pena aqui uma pausa na leitura para ouvir a música e ler com atenção cada verso.

O desafio aqui é refletirmos e quem sabe ressignificar a nossa sexualidade. Primeiro, o que entendemos por sexualidade? À primeira vista, partindo do senso comum, a sexualidade é associada quase que exclusivamente ao ato sexual. Essa compreensão é muito presente na vida dos homens, estimulados para o exercício de uma virilidade sexual semelhante à vida animal. Assim, vivemos uma sexualidade “a la pornografia” de ideais performáticos e de extrema erotização. Mas sexualidade vai muito além disso. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é parte integrante do ser humano desde os seus primeiros anos de vida e está relacionada com a busca do prazer físico e emocional, o que nos motiva ir ao encontro de contato físico e afetivo, de relacionamentos, sem ter necessariamente a conotação sexual.

É importante afirmar que não há predefinição de sexo ou gênero para viver a sexualidade. Muitas vezes aprendemos a viver a nossa afetividade a partir da reprodução da cultura heteronormativa, na qual só é “normal” relações afetivas e sexuais entre homem e mulheres. A heteronormatividade é entendida como uma normativa social que obriga todas as pessoas a se comportarem segundo os estereótipos padrões de homem-heteromachão e mulher-hetero-feminina-frágil. Portanto, é uma prisão a todos nós, independente da nossa orientação sexual. Somos privados do afeto e do carinho no nosso dia a dia por não conseguir dissociá-los de atos libidinosos.



Sentados à Mesa:

Ao enxergar a sexualidade com maior consciência percebemos que ela está presente em todos os nossos relacionamentos, sejam com familiares, amigos/as ou companheiros/as. Agora nos cabe perguntar: para além do aspecto sexual, como estou vivendo a minha sexualidade? Vivemos em uma sociedade individualista consumista, em que tudo que não me serve, que não me dá prazer é passível de ser descartado, abandonado. Esses padrões de comportamento acabam refletindo na forma como nos relacionamos, que em seu extremo, objetifica as pessoas numa perspectiva utilitarista.

Em meio a tudo isso, qual o caminho a seguir como jovem cristão? Paulo na primeira carta à comunidade de Corinto tem a resposta (1Cor 13, 1-13) e nos provoca de maneira profunda e poética sobre o amor. Aqui é importante uma pausa demorada, a leitura e releitura de cada versículo antes de continuar. Ainda fazemos referência ao mandamento que o Jovem Nazareno nos deixou “Ame ao próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39). Esse deve ser o imperativo de nossas relações, seja com nossos/as companheiros/as, com nossos familiares, com nossos/as amigos/as ou com qualquer pessoa.

Contudo amar a si mesmo e ao/à próximo/a não é uma atitude automática, é preciso exercício e dedicação.

- *Tenho consciência da sexualidade?*
- *Como eu vivo a minha sexualidade?*
- *Como encaro a busca pelo prazer em minha vida?*
- *Consigo viver a minha sexualidade a partir do amor? Como?*

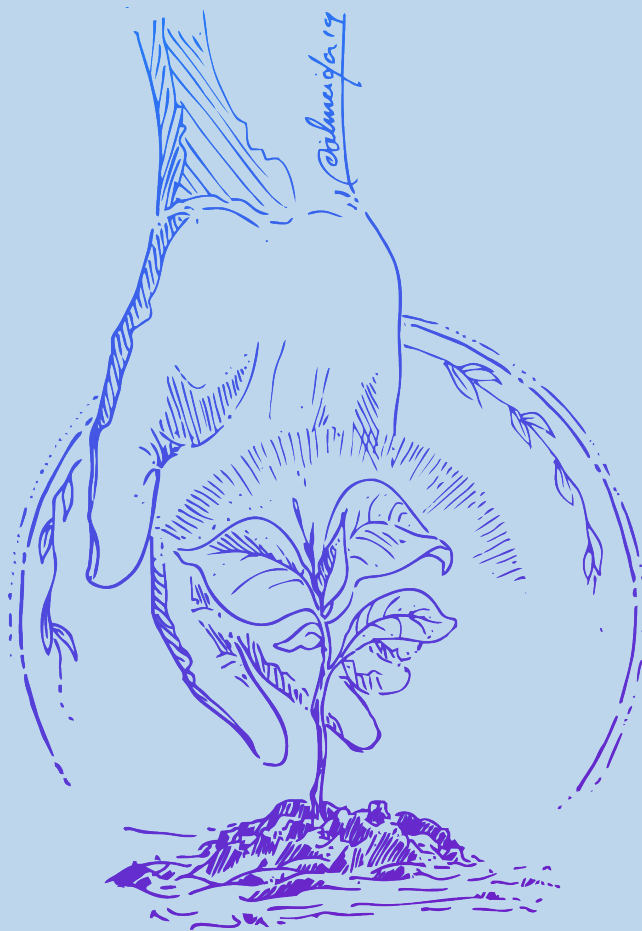


6. Refletindo sobre Casa

Pensar na casa nos remete tanto a questões simbólicas, quanto questões práticas. Podemos recriar em nossas mentes, as imagens das cidades de Belém e Betânia. Cidades estas que foram lugar seguro e de cuidado para Jesus, lugares de acolhida, na simplicidade, na dificuldade, também na amizade, para se sentir perto de quem amamos. A casa, expressa cuidado, para nós e para os/as outros/as, para quem nela habita, para quem por ela circula, para quem abrimos as portas.

O espaço doméstico pode reservar, também, em sua dimensão prática, as atividades de sobrevivência e de manutenção da vida e do cuidado. Das tarefas de alimentar, cultivar, limpar, organizar, guardar, prover e gerir, local de cuidado para o bem viver que se faz no cotidiano. São várias as necessidades e responsabilidades que envolvem a casa, muitas destas tarefas acabam por compor um trabalho invisível, principalmente quando nós, homens, não estamos conscientemente engajados ao cuidado - seja por reprodução de um papel social de gênero, insustentável, imoral, inconsequente, seja por ausência de cuidado pessoal, seja por fragilidade no cuidado ao outro e a outra - reforçamos padrões sociais de violência patriarcal, caracterizados pela irresponsabilidade, indiferença, injustiça, padrões nos quais não há projeto para vida.

Por isso, caminhando com Jesus que superou machismos no seu contexto (Lucas 8, 1), podemos nós, ir nos libertando das estruturas patriarcais. Assim, nossa participação em todas as dimensões do cuidado com a casa, revela também as relações políticas, na divisão do trabalho doméstico, de forma afetiva e efetiva, é caminho para construirmos espaços seguros e de bem viver. Para juntos rompermos com os laços de poder do capitalismo no chão da casa e à mesa, no que é pequeno, mas no que sustenta, no dia a dia, no fazer-se presença constante e fazer-se serviço ao cuidado, atuamos:



Sentados à Mesa:

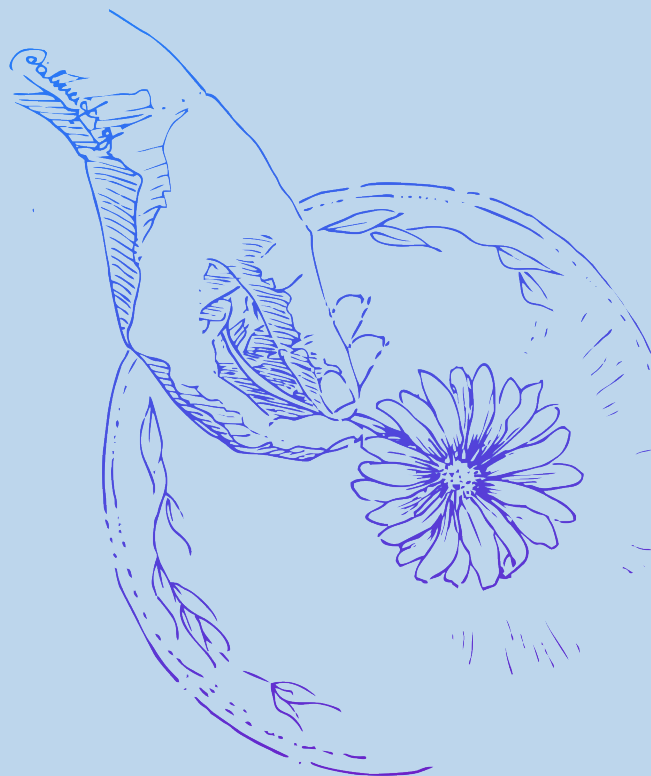
- *Eu posso realizar as tarefas domésticas? Eu sei realizar as tarefas domésticas? Eu tenho iniciativa na realização? Eu reservo tempo para as tarefas domésticas?*
- *Eu preparo as refeições que garantem a minha sobrevivência e nutrição? Eu preparo refeições para quem mora comigo? Eu verifico/adquiro/higienizo os alimentos?*
- *Eu lavo e seco as louças? As que utilizo? As que todos/as utilizam?*
- *Eu lavo/seco/guardo as roupas? As que utilizo? As que todos/as utilizam?*
- *Como posso criar estratégias e estimular que outros homens, com os quais eu convivo, a participarem de maneira efetiva e afetiva no cuidado doméstico?*
- *Eu converso com outros homens sobre o cuidado/trabalho doméstico?*
- *Eu penso/converso/realizo a divisão coerente das tarefas domésticas com as mulheres com que convivo?*
- *Em relação à provisão financeira/material da minha casa, como eu tenho participado? Eu penso/converso/realizo a divisão dessa demanda com as pessoas que convivem comigo, conforme as possibilidades e necessidades de cada pessoa? Como eu posso melhorar neste sentido?*



7. Refletindo Deus-Pai em nós

*Quando o seu pai
o avistou,
encheu-se de
compaixão,
correu e lançou-se
lhe ao pescoço,
cobrindo-o de
beijos.*

Evangelho de Lucas 15, 20.



O segundo domingo de agosto, Dia dos Pais, nem sempre é comemorado com felicidade. Ora porque, em muitas das residências, o modelo paterno é construído a partir da violência, da falta de afeto e do medo, gerando relações espinhosas; ora, pois no Brasil, 5,5 milhões de crianças não possuem o nome do pai na certidão de nascimento (CNJ/2013) e, conseqüentemente, não contam com a presença paterna em seus cotidianos. É visível que as relações familiares podem afetar nossa relação com o sagrado, pois como dizer que “Deus é um pai de amor” a uma pessoa que possui traumas causados pela figura paterna, sendo que ela talvez nunca tenha tido esse tipo de experiência em sua vida?

A sociedade patriarcal constituiu a figura do pai e de Deus como o provedor, portador do poder que cerceia os passos da família, que impõe ordens, que é distante e bravo, forte, sem a possibilidade de demonstrar seus sentimentos e afetos. Nas rasas interpretações do antigo testamento, o Deus Javé também é compreendido como o Criador, aquele que puniu os primeiros seres humanos por não terem obedecido suas regras. As relações paternas são espinhosas para muitas pessoas e re-pensar seus caminhos é um passo primordial na construção de relações de gênero saudáveis.

O biblista Ildo Bohn Gass⁵ afirma que, mesmo tendo vivido em uma época na qual o modelo patriarcal de família era o hegemônico, Jesus vai além das compreensões de Deus como pai. Ao resgatar o rosto feminino de

5 GASS, Ildo Bohn. *Novas masculinidades e Bíblia*. 367. ed. São Leopoldo: Cebi, 2018. 52 p. (A palavra na vida).

Deus em sua experiência religiosa, *Ruah* (palavra de gênero feminino que significa espírito, em grego) exerce um papel decisivo como dinamizadora de sua missão. Ele também cultiva uma relação de intimidade e confiança com *Abba*, (palavra aramaica) que quer dizer papai querido, paizinho. A relação de Jesus com Deus constrói um novo sentido para paternidade divina, como cuidado, corresponsabilidade e autonomia.

O Evangelho também oferece sinais para re-pensarmos esse tipo de relação. Nesse caminho, nos ilumina o Evangelho de Lucas na parábola do filho perdido (Lc 15, 11-32). Faça a leitura orante deste texto, identificando seus personagens e fatos, e o que nos provoca a pensar sobre as possibilidades de uma nova imagem de Deus na relação paterna, tendo presente as seguintes questões:

- *Quais são os modelos de masculinidades vivenciados pelos três personagens? São saudáveis ou tóxicos? O que mais chama atenção na história?*
- *Como é minha relação com meu pai?*
- *Como é a minha relação com Deus?*
- *Qual modelo mais se identifica com Deus, pai e mãe?*
- *Como posso construir um novo modelo de masculinidade e novas imagens de Deus?*

Bora refletir e registrar?

Podemos ampliar a reflexão com o filme “**Milagre na cela 7**”⁶.

⁶ Disponível em <https://www.netflix.com/br/title/81239779>.

8. E agora José?

“E agora José?”. O verso do poeta Carlos Drummond de Andrade se popularizou na boca do povo, e é evocado sempre em que se chega em uma situação de dúvidas, de insegurança, e para quem ousa olhar mais além, arrisque enxergar que neste momento uma postura deve ser assumida com coragem, uma atitude deve ser tomada com firmeza. Não vejo outra forma de concluir essa trilha. Não que esse seja o fim do nosso caminhar. Acredito que tudo o que foi revisado e celebrado até aqui tenha desconstruído muitas coisas, evidenciado lacunas antes desconhecidas e mexido em cicatrizes esquecidas. A construção de masculinidades saudáveis é um eterno caminhar.



“E agora José?” Qual a minha referência? Que homem eu devo ser? Não caminhamos até aqui sozinhos. Durante esta trilha um Homem caminhava conosco pacientemente, trocando algumas palavras para nos ajudar a olhar para o nosso eu masculino. O Jovem Nazareno é a grande referência masculina. O biblista Ildo Bohn Gass⁷ demonstra de forma sintética como Jesus viveu de forma genuína e humana a sua masculinidade “Jesus externava emoções e sentimentos (Lc 7,11-14), era sensato e tranquilo (Lc 2,28-30), era delicado e amante da paz (Mt 4,5.9), mas também firme e assertivo (Mt 10,34). Jesus era compassivo (Mt 9,13) e, ao mesmo tempo, defensor intransigente da justiça (Mt 3,15). Vivia com simplicidade e modéstia (Mt, 6,1-6) por outro lado, porém, brio e autoconfiança (Mc 14,6-9). Jesus era um homem que necessitava de segurança (Mc 15,34) Mas era também protetor e oferecia aconchego (Lc 9,58)”.

O horizonte está dado. O sonho é compartilhado por homens e mulheres que no dia a dia constroem novas relações. Assim como as masculinidades, agora o jargão deve ser interpretado sob uma nova perspectiva: É agora José!

Por isso, concluindo essa trilha, depois de refletir temas indicados nessa trilha, bora registrar?

⁷ GASS, Ildo Bohn. **Novas masculinidades e Bíblia**. 367. ed. São Leopoldo: Cebi, 2018. 52 p. (A palavra na vida). Página 34.



Sentados à Mesa:

- Como me enxergo como homem?
- Qual a minha relação com outros homens e mulheres?
- Que referencia masculina eu quero ser?

Da mesa à vida: **partilhar e construir juntos novas masculinidades!**

Chegando ao final desse caminho reflexivo, desejamos acolher e agradecer a você que caminhou e ousou sonhar junto conosco novas masculinidades. Gratidão! Esperamos que tenha sido um processo sincero e bonito de redescobrir-se e reconhecer-se como homem que você foi, é e quer vir a ser, iluminando a elaboração ou revisão do seu Projeto Pessoal de Vida. Este processo não acaba aqui, mas continua em construção ao longa de toda a nossa vida.

Avançar rumo ao horizonte que sonhamos requer passos concretos e coletivos, além dos projetos e atitudes individuais. Por isso, tendo rezado e refletido sentados à mesa com Jesus, somos agora chamados para compartilhar os frutos e espalhar as sementes de tudo que vivemos. O convite é para juntar, como for possível, os companheiros que também fizeram esse caminho e, em grupo, estudar e aprofundar as reflexões e os desdobramentos práticos desse processo em nossas relações, em nossas vidas.

Desse modo, somos provocados a desenvolver gestos concretos em coletivo, começando pela criação desses grupos de homens para partilha de vida, para estudo e aprofundamento, para repensar ideias e comportamentos. O encontro com a experiência do outro, semelhante e diferente de mim, é sempre terra fértil para semear sonhos. Indicamos que você converse com um ou mais companheiros para rever os pontos dentro de cada um dos roteiros, assistindo aos filmes propostos, apreciando as músicas indicadas e perguntando-provocando sobre masculinidades. E é nesse caminhar e semear juntos que iremos cada vez mais da mesa à vida, com esperança e compromisso, para construir novas masculinidades.



Referências:

BUSCEMI, Maria Soave. (Org.) **Da dominação ao amor: perspectivas bíblicas sobre masculinidades.** Série A Palavra na Vida n. 261. São Leopoldo: CEBI, 2009.

DICK, Hilário. **Na busca de ser, a angústia de não-ser.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

GASS, Ildo Bohn. **Novas masculinidades e Bíblia.** 367. ed. São Leopoldo: Cebi, 2018. 52 p. (A palavra na vida).

PASTORAL DA JUVENTUDE. **Subsídio da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher.** 2019.

SILVA, José Josélio da. (Org.) **Repensando Masculinidades: resgatando a riqueza das imagens de Deus nos relacionamentos masculinos.** Série A Palavra na Vida n. 249. São Leopoldo: CEBI, 2008.

TONINI, Hermes Antônio. **O sonho de José e o sonho de novas masculinidades: uma hermenêutica de gênero de Mateus 1, 18-25.** Série Ensaios vol. 10. São Leopoldo: CEBI, 2008.



